

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E DIÁRIOS DE AULA: Análise dos Primeiros Registros de Aulas no Programa Joventur

Angélica Cichocki ¹

Marcelo Oliveira da Silva ²

RESUMO

O artigo visa entender os primeiros dias de docência de uma professora iniciante na área de turismo e hospitalidade por meio da elaboração de diário de aula. Para tanto, buscou-se entender alguns conceitos chave sobre a prática docente e a formação de professores, o contexto em que a professora iniciou sua prática (Joventur) e sobre a escrita de diários de aula na perspectiva proposta por Zabalza (2004). Foram coletados e analisados 3 diários de aula, que correspondem a primeira semana de atuação da professora em sala de aula. Pela leitura e análise dos diários, destacam-se os dilemas enfrentados nos primeiros momentos da docência, a preocupação com as práticas em sala de aula e o deparar-se com uma realidade diferente da vivida na sua graduação em Hotelaria.

Palavras-chave: Docência, Turismo, Hospitalidade, Diários de Aula, Joventur

¹ Graduada em Hotelaria e Formanda de Gestão em Recursos Humanos da Faculdade de Tecnologia Senac-RS, Email: angelicacichocki@hotmail.com

² Professor do Curso de Tecnologia em Hotelaria e Gestão de Recursos Humanos da Faculdade de Tecnologia Senac-RS, e-mail: moliveiras@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca entender como o diário de aula pode auxiliar no início da docência de uma professora iniciante na educação de jovens sobre a hospitalidade. Utilizou-se a metodologia dos diários de aula na perspectiva de Zabalza (2004).

O trabalho ressalta as primeiras experiências em sala de aula da docente. E com isso, possibilitou-se a idéia deste artigo para entender a rotina de um professor iniciante na área acadêmica. E pode-se perceber também a metodologia para ser usada com os alunos. Desse modo, entendendo a melhor forma de lecionar para que não só os alunos se interessem pelo conteúdo abordado como também facilita a aprendizagem dos estudantes.

Ao longo deste artigo é possível entender os dilemas vividos em sala de aula, a forma como foram conduzidas as aulas, e, também, as expectativas tanto do professor, como também dos alunos.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E DIÁRIOS DE AULA

Busca-se entender as relações entre a escrita de um diário de aula e a formação de professores, em especial, os primeiros dias do professor em sala de aula. Quem se forma em turismo ou hotelaria, por exemplo, não recebe ensinamentos na academia sobre como as matérias podem ser ensinadas. Sabe-se que os professores tendem repetir o que admiram em seus educadores e

evitar aquilo que repudiavam em outros professores.

Qual a formação do professor para exercer a docência? São necessários graus acadêmicos diferentes para o público se está lecionando? Ainda mais, pergunta-se: a sua didática é compatível com o resultado esperado? Mas, principalmente, o que é ser professor? “Ser professor implica lidar com outras pessoas (professores) que trabalham em organizações (escolas) com outras pessoas (alunos) para conseguir que estas pessoas aprendam algo (se eduquem)”, afirma Garcia (1999, p. 24).

Para exercer a docência, “os professores adquirem conhecimentos, competências e atitudes adequados para desenvolver um ensino de qualidade”, ressalta Garcia (1999, p. 24). Isso mostra que, todo professor tem uma formação pessoal antes de ter uma formação acadêmica. Portanto, na docência o professor acrescenta a sua própria formação a bagagem adquirida ao longo da vida.

Na formação inicial do educador, pode-se dizer que tudo tende a ser mais intenso. O interesse pelos estudos, a motivação nas aulas, a expectativa do que os alunos iriam pensar sobre sua didática, um conjunto de ideias que vêm se aprimorando da fase de estudante para o início da carreira como professor. Wilson e D’Arcy (1987 apud GARCIA, 1999, p. 113) definem a iniciação do professor na escola como:

O processo através do qual a escola realiza um programa sistemático de apoio a professores de forma a integrá-los na profissão, ajudá-los a abordar os temas de modo a reforçar a sua autonomia profissional e a facilitar o seu desenvolvimento profissional contínuo (WILSON e D'ARCY, 1987 apud GARCIA, 1999, p. 113)

O que demonstra que a formação do professor é um conjunto que deve ser trabalhado ao longo da sua carreira acadêmica, algo a ser aperfeiçoado em um grande espaço de tempo. A complementação que acontece entre a qualidade no ensino com a aprendizagem pessoal do professor é definido por Isaia e Bolzan (2007 apud FRANCO; KRAHE, 2007):

Entendemos a professoralidade como um processo que implica não só o domínio de conhecimentos, de saberes, de fazeres e de determinado campo, mas também a sensibilidade do docente como pessoa e profissional em termos de atitudes e valores, tendo a reflexão como comportamento intrínseco ao processo de ensinar, de aprender, de formar-se e, conseqüentemente, de desenhar sua própria trajetória (WILSON e D'ARCY, 1987 apud GARCIA, 1999, p. 113).

Percebe-se que há uma trajetória de estudante para professor. Dessa forma, a experiência ao longo do tempo aprimora as habilidades do educador e faz com que ele obtenha mais qualificação para a docência. O que implica em desenvolver maior segurança sobre os conteúdos

ministrados. Dessa forma, torna suas aulas mais agradáveis e com melhor desempenho acadêmico. Nota-se que há uma união entre conhecimento e aprendizagem ao longo dos estudos.

Corroborando com essa ideia, Garcia (1999, p. 20) acredita que "Os primeiros anos de docência são fundamentais para assegurar um professorado motivado, implicado e comprometido com a profissão". Esses primeiros anos é que fazem com que o professor tenha mais interesse pelo que se faz e com isso aprenda mais e absorva que está acontecendo de uma forma simples e objetiva.

No início da carreira é necessário o incentivo da universidade, pois é nela que há a qualificação do ex-aluno para a sua nova carreira acadêmica. Noguera (apud GARCIA, 2009, p. 183) demonstra que "tanto a formação inicial pedagógica como o desenvolvimento dos professores universitários requerem uma política global da universidade que dignifique e valore as funções docentes como fundamentais para alcançar excelência". Parte do processo de aprender a ser professor depende diretamente de como foram seus professores e que estímulo o futuro-professor recebeu para ter um bom desempenho na docência e, portanto, desenvolver um bom trabalho.

Assim, Pimenta e Anastasiou (2008, p. 88) explicam que:

[...] a docência na universidade configura-se como um processo contínuo de construção da identidade docente e tem por base os saberes da experiência,

construídos no exercício profissional mediante o ensino dos saberes das áreas do conhecimento. Para que a identidade de professor se configure, no entanto, há o desafio de pôr-se, enquanto docente, em condições de proceder a análise crítica dos saberes da experiência, construídos nas práticas, confrontando-os e ampliando-os com base no campo teórico da educação, uma identidade epistemológica decorrente de seus saberes científicos e os de ensinar (PIMENTA E ANASTASIOU, 2008, p. 88).

A universidade tem a capacidade de, juntamente com o campo científico, formular os ideais de um aluno. Aprimorando suas ideias e seus métodos para lecionar da melhor forma. O curso no qual o professor aprende é também onde busca suas melhores ferramentas para poder constituir a sua *professoralidade*.

O diário de aula serve para como uma das ferramentas para se desenvolver um bom plano de aula e para entender se as expectativas e métodos utilizados foram adequados ou precisam de melhorias. Principalmente, o diário de aula pode ser muito útil para professores iniciantes, que podem registrar nele algumas informações relevantes, como por exemplo, como estão sendo suas aulas, seus dilemas, suas expectativas em relação à turma e à docência.

Zabalza (2004, p. 16) confirma que o diário de aula “tem como uma finalidade mais orientada para o desenvolvimento pessoal e profissional dos professores, com

freqüências ambas as missões se combinam e se completam.” Dessa forma, “a possibilidade de estabelecer conexões significativas entre o conhecimento teórico e o conhecimento prático, habilita o professor a tomar decisões mais fundamentadas” confirmam Porlán e Martín, (1997, p. 25). Demonstra-se que a união entre prática e teoria é um alicerce para o docente ter um bom desempenho. Da mesma forma, é necessário que o professor reflita sobre qual a melhor forma de ensino e também qual a forma de poder mensurar como desenvolve a sua prática em sala de aula.

A combinação de um professor iniciante com as ferramentas aprendidas ao longo de sua graduação postas em prática e com a sua reflexão pós-aula (como a propiciada pelo diário) é uma forma de se obter constituir um bom professor. Sendo assim, ele também pode diagnosticar possíveis falhas e detectar correções. Nesse sentido, afirma Zabalza (2008, p.10):

Escrever sobre o que estamos fazendo como profissional (em aula ou em outros contextos) é um procedimento excelente para nos conscientizarmos de nossos padrões de trabalho. É uma forma de “distanciamento” reflexivo que nos permite ver em perspectiva nosso modo particular de atuar. E, além disso, uma forma de aprender (ZABALZA, 2008, p.10)

A reflexão sobre o que está acontecendo em sala de aula deveria ser feita não somente por iniciantes, mas sim por todos. Pode-se dizer

que é uma forma de crescimento pessoal e que nós estamos sempre em constante formação, ou seja, podemos sempre melhorar tanto na prática docente quanto seres humanos.

No presente capítulo, entende-se que a escrita de um diário sobre a sua atuação em sala de aula pode servir de base para a formação continuada de professores. Para tanto, utiliza-se a teoria do educador catalão Zabalza (2004).

Conseqüentemente encontram-se definições pertinentes em dicionários, como por exemplo: “Entende-se por diário aquilo que é escrito todos os dias, o que se torna uma rotina. É onde se pode escrever sobre diversas coisas, ou seja, fatos marcantes para quem escreve”, segundo o Dicionário Michaelis (2009, *online*). E também o Dicionário Brasileiro (2000, p. 154) afirma que é “cotidiano: que é de todos os dias; que se faz todos os dias; livro comercial onde se registram as contas diárias.”

O romance *Diário de Bridget Jones* demonstra muito bem esse conceito, pois se trata de uma mulher de trinta e poucos anos contando suas experiências e seus maiores segredos diariamente (FIELDING, 2001). “Então tomei uma decisão importante: eu tinha que garantir que no ano que vem estaria bem, precisava tomar as ‘rédeas’ da minha vida. Começado um diário para contar a minha história, para contar a verdade de Bridget Jones”. O livro virou filme em 2001 e alcançou tanto sucesso quanto o livro.

Esta citação ilustra o que a maioria das pessoas pensa sobre diários: algo totalmente pessoal. O que não deixa de ser, mas também os diários servem para outras funções, por exemplo, jornalistas utilizam diários para suas matérias, viajantes para registrarem suas experiências, terapeutas para relatarem sobre seus pacientes e, até mesmo, professores para, ao elaborarem o registro de suas aulas, poderem refletir sobre sua prática.

Neste caso, os diários de aula não servem somente para o saber o que foi ensinado (planejamento e execução da aula), mas também para que o próprio professor possa fazer uma reflexão posterior sobre a forma como leciona. Rever sua prática tanto nos pontos positivos que devem ser mantidos e melhorados como nos negativos também. Dessa forma, “Os diários podem variar tanto pelo conteúdo que recolhem como pela periodicidade com que são escritos e pela função que cumprem”, ressalta Zabalza (2004, p. 15).

A escrita contínua traz melhorias para que o professor possa buscar métodos mais eficazes de ensino aplicados a sua realidade. Nesse sentido, os diários servem para que a sua aula se torne mais agradável para os alunos e para que o professor possa verificar qual é a melhor forma de apresentar o conteúdo de ensino. Já que ele pode verificar constantemente sua didática e as formas que escolheu para abordar as suas aulas.

Os diários de aula servem justamente para que o professor tenha essa visão constante de sua prática e,

muitas vezes, relatando suas aulas no diário, possa entender algo que passou despercebido. E, assim, o professor tem a oportunidade de aprimorar seu saber docente, entender seus dilemas, seus sentimentos em relação à profissão, à turma, aos alunos e, até mesmo, a sua vida pessoal. Zabalza (2004, p. 16) confirma o exposto, ressaltando que: “O bom de um diário, o que se torna um importante documento para o desenvolvimento pessoal, é que nele se possa contrastar tanto o objetivo descritivo como o reflexivo pessoal. Com isso, torna-se possível analisar a evolução dos fatos”.

No presente artigo, busca-se entender os diários como forma de reflexão da prática docente de uma professora iniciante na área de turismo e hospitalidade.

O TURISMO COMO UMA NOVA POSSIBILIDADE DE TRABALHO

Como a Copa do Mundo 2014 acontecerá no Brasil, é necessário que o país desempenhe diversas atividades para sediar este grande evento. É uma das principais atividades é investir na qualificação da população, por exemplo, com cursos de capacitação, palestras, feiras, oficinas, entre outros. Como o Brasil está na mira internacional, devemos nos preocupar com a hospitalidade (bem receber) os turistas tanto os estrangeiros quanto os nacionais.

No momento, o que se tem visto é que os órgãos do Governo começam a oferecer cursos, muitos deles gratuitos, para a qualificação visando

à Copa do Mundo. Para que, não só as pessoas saibam como lidar com os visitantes, mas também para que compreendam alguns conceitos do turismo e suas ferramentas. Complementando essa ideia, o governador já falecido da Índia, Lord Curzon (1859-1925) afirma que:

O turismo é uma Universidade em que o aluno nunca se gradua, é um templo onde o suplicante cultua, mas nunca vislumbra a imagem de sua veneração, é uma viagem com destino sempre à frente, mas jamais atingido. Haverá sempre discípulos, sempre contemplados, sempre errantes e aventureiros. (LORD CURZON apud GARCIA, 1999, p. 2.)

Nesse sentido, a afirmação é uma forma de estimular as pessoas a pensarem sobre o turismo e, principalmente, o que a sua cidade tem a contribuir. Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, como uma das sedes dos jogos da Copa do Mundo, iniciou também os preparativos para o megaevento. Chiavenato (2002) relata que o conceito predominante sobre o que deva ser treinamento e desenvolvimento (T&D) é o de constituírem-se um processo contínuo e não um simples evento isolado. Moraes (2010, p. 166) afirma que “os treinamentos são mais reativos” e fazem parte do papel exercido pelas empresas. Ou seja, o T&D não deixa de ser um exercício contínuo para alunos e professores, assim como nas empresas.

A União Metropolitana dos Estudantes Secundários de Porto Alegre (Umepa) representa cerca de

350 mil estudantes de toda a educação básica, ensino técnico, educação de jovens e adultos e cursos pré-vestibulares, divididos nas mais de 700 escolas e instituições de ensino da capital gaúcha³.

A Umespa em parceria com o Ministério do Turismo (MTur) realiza a segunda edição do Curso de Qualificação Profissional de Jovens no setor Turismo, o JOVENTUR. O Curso é realizado na cidade de Porto Alegre, RS, e também na região metropolitana. O JOVENTUR busca formar 1.650 estudantes do ensino médio das redes públicas por meio do *Curso de Iniciação ao Turismo*. O Curso tem carga horária de 220 horas/aula, distribuídas em 40 horas de iniciação ao turismo, 40 horas de capacitação específica em recepção e atendimento ao turista, 120 horas de curso de língua inglesa e, ainda, 20 horas de visitas técnicas em espaços turísticos.

O curso é totalmente gratuito, com fornecimento de material didático, que inclui CDs educativos de inglês. Além do curso e material de estudo, o projeto oferece lanche e uniforme. Aos aprovados serão fornecidos certificados na formatura.

METODOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS

Foram recolhidos os diários da primeira semana de aula de uma

professora iniciante, que iniciou a docência no curso de capacitação para a Copa do Mundo. A análise foi realizada com base na metodologia desenvolvida por Zabalza (2004). Seguindo o entendimento do autor, nos diários de aula aparece a possibilidade de análise de quatro aspectos: o mundo pessoal, os dilemas, a avaliação, o reajuste de processos, e o desenvolvimento profissional.

Seguiu-se o proposto por Zabalza (2004 p. 58-59): uma primeira “leitura exploratória” para evitar uma tipificação prematura; uma “segunda leitura, com anotações à margem e seleção de afirmações e dados relevantes”. A segunda leitura deve seguir três pontos: a) os padrões, que permitem uma caracterização descritiva da aula; b) os dilemas que professor apresenta, ou o conjunto de aspectos que o professor apresenta como problemáticos e que resultam em preocupações, incertezas ou reflexões; e c) as tarefas realizadas em aula, com relação às estratégias usadas pelo professor para cada aprendizagem pretendida.

Em relação aos padrões que apareceram nos diários há a preocupação no cumprimento do cronograma e a inovação nas estratégias de condução da aula. Como por exemplo, no trecho: “O planejamento da aula foi baseado no cronograma passado pela coordenação. Basicamente é seguir apostila do curso, porém, podem ser oferecidas outras atividades para aula não ficar tão monótona e

³ As informações sobre a Umespa e o programa JOVENTUR foram colhidas na página oficial da Instituição na internet: www.umespa.org.br.

também para poder interagir mais com os alunos” (DIÁRIO 1).

Os diários apresentam uma descrição dos conteúdos abordados e como a professora percebeu os alunos. “O conteúdo da primeira aula foi o básico. Foi ensinado o conceito de turismo e segmentação de mercado.” (DIÁRIO 1) O registro dos conteúdos é importante para lembrar o que foi tratado, como e qual a reação dos alunos, o que pode ser ilustrado com a seguinte passagem:

A turma estava bem motivada, pois foram passados diversos vídeos para lembrar a aula passada como o ‘Turismo no Brasil’, o vídeo sobre a cultura de Porto Alegre (o mesmo passado pelo Linha Turismo – o ônibus turístico da cidade) E ‘propagandas’ sobre o nordeste brasileiro assim, os alunos puderam visualizar de melhor forma o conteúdo e também conversar um pouco a respeito dos fundamentos do turismo. (DIÁRIO 2)

Já os dilemas tendem a aparecer com maior frequência, pois o diário é uma forma de relatar as coisas que mais nos inquietam. No primeiro diário aparece o registro do nervosismo da professora frente a sua nova experiência. A maioria dos registros é em relação à realidade encontrada na turma. “Algo marcante também é que todos os alunos desta turma nunca trabalharam. E esperavam entrar no campo de trabalho com o curso oferecido (fator motivacional para os professores)”. (DIÁRIO 1).

Ainda em relação ao mercado de trabalho e à formação, a professora observou que “Percebi que a faculdade é uma coisa muito distante da realidade dos alunos, parece que nem os outros professores estimulam o vestibular” (DIÁRIO 3). Também aparece a realidade precária da sala de aula: quadro verde, classes e cadeiras velhas e incômodas. Diferente da realidade da formação recebida pela professora. Frente a essa constatação a docente escreveu: “Mas por incrível que pareça isso não altera a motivação dos alunos para o curso.” (DIÁRIO 1)

Nos relatos aparece a preocupação em relação à integração dos alunos no grupo, pois duas alunas “com mais ou menos 35 anos, a maioria da turma entre 15 e 18 anos. As alunas se sentem mal e uma delas desistiu mesmo eu tendo incentivado a permanecer, pois na faculdade é normal a diferença de idades” (DIÁRIO 3). O próprio incentivo vem da própria família e da realidade em que os alunos estão inseridos. “Uma das aulas mais velhas me contou que o marido não tinha gostado que ela fizesse o curso e mesmo assim ela quis fazer porque acha que o curso irá ajudar”.

As tarefas apresentadas nos diários consistem em dinâmicas aplicadas em sala de aula. No primeiro diário, há o relato sobre as apresentações, momento em que se dá a avaliação do grupo de alunos pelo professor e os alunos conhecem um pouco mais do docente, sua experiência e do próprio curso. Evidencia-se na seguinte fala: “Foi feita uma dinâmica de apresentação. Aonde todos se

comunicaram e foram bem participativos. A princípio a turma não se conhecia, eram vários alunos do ensino médio de diversas turmas” (DIÁRIO 1).

Da mesma forma, a professora retoma a preocupação apresentada no primeiro diário em relação ao cumprimento do cronograma de uma forma menos “monótona”. Para tanto, utilizou-se de vídeos, como já havia aparecido anteriormente. “fechamos a aula com mais um vídeos sobre ‘Erros cometidos na recepção’ para que tivessem mais um contato visual com o problema mostrado” (DIÁRIO 2). Como se trata de uma turma jovem, o recurso audiovisual é sempre instigante, mesmo porque estão acostumados a utilizar a internet para busca de vídeos.

Outra tarefa apresentada foi a dramatização de situações reais em uma recepção de hotel em que um é o turista e outro o recepcionista. A professora avaliou da seguinte forma: “A atividade foi realizada em forma de teatro, creio que foi bem proveitosa, pois fez com que os alunos pensassem na forma de como foram atendidos e como estavam atendendo” (DIÁRIO 2).

As dimensões propostas por Zabalza (2004) estão presentes nos diários avaliados. Examinaram-se somente os três primeiros relatos, pois correspondem à primeira semana de aula. Buscou-se reconhecer, nesses primeiros momentos, a possibilidade de uso do diário como instrumento de reflexão e de acompanhamento da prática docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, entendeu-se que foi possível analisar por meio dos diários de aula a prática docente e refletir sobre as possibilidades de proporcionar uma aula agradável e ao mesmo tempo com rendimento. Os diários de aula dão a possibilidade de observar de que forma as aulas estão acontecendo, verificar se há aproveitamento satisfatório ou não, entender a prática de sala de aula e sua sistemática.

Notam-se as expectativas de alunos e professora, os dilemas que acontecem em sala de aula e, principalmente, se o conteúdo está sendo administrado de uma forma agradável e atrativa. Com isso, podem-se analisar, também, as dificuldades que surgem ao longo das aulas e corrigi-las. Percebe-se que os alunos gostam de aulas atrativas, com vídeos, debates e atividades que proporcionem raciocínio daquilo que está sendo tratado. Em especial na área do turismo e hotelaria que é tão rica em exemplos a serem explorados.

Estimular os alunos a reflitam sobre a matéria é muito importante. É uma forma de assimilar o que está sendo discutido. E acredita-se que a melhor forma para isso é realizando tarefas em grupos com atividades dinâmicas e de fácil entendimento. Destaca-se o choque entre realidades – aquela vivida pelos alunos em uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre, RS e a descortinada pelo mundo do turismo. Há um encantamento dos alunos em relação às possibilidades turísticas da cidade

e do Brasil, isso fica claro pelas reações às atividades propostas.

E isto tudo pode ser mostrado no diário de aula, pois pela prática da escrita reflexiva faz com que se torne de fácil compreensão para o docente e faz com que ele busque a melhoria (formação) constantemente.

O diário de aula pode ser entendido como treinamento contínuo – formação continuada de professores –, que ajuda aos docentes a memorizar e refletir suas aulas, como também aperfeiçoar e entender a turma que está lecionando. Então, o diário de aula é um aliado do professor, no qual ideias novas podem ser exploradas e também uma forma de aprimorar conhecimentos.

REFERÊNCIAS

CHIAVENATO, I. **Recursos Humanos**. São Paulo: Atlas, 2002.

DICIONÁRIO **Brasileiro**. Disponível em:

http://www.arquivonacional.gov.br/download/dic_term_arq.pdf. Consultado em: 20 set. 2011.

DICIONÁRIO **Michaelis**. Disponível em:

<<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=di%E1rio>>. Consultado em: 19 set. 2011.

FIELDING, H. **O diário de Bridget Jones**. Inglaterra: Record, 2001.

FRANCO, M. E; KRAHE, E. D. **Pedagogia Universitária e Áreas de conhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

GARCÍA, C. M. **Formação de professores**: Para uma mudança educativa. Portugal: Porto, 1999.

MORAES, F. **Empresa-escola**: educação para trabalho *versus* educação pelo trabalho. São Paulo: Senac Nacional, 2010.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. C. **Docência no Ensino Superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

PORLAN, R.; MARTIN, J. **El diario del profesor**. *Un recurso para La investigación en el aula*. Sevilla: Díada, 1997.

REJOWSKI, M. **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Aleph, 2005.

SCHLUTER, R. G. **Turismo en Argentina**: *Del balneario ao campo*. Buenos Aires: CIET, 2001.

UMESPA. Disponível em: <<http://www.umespa.org.br/scripts/ind ex.php>>. Consultado em: 13 set. 2011.

ZABALZA, M. A. **Diários de aula**. Um instrumento de pesquisa e desenvolvimento pessoal. Porto Alegre: Artmed, 2004.